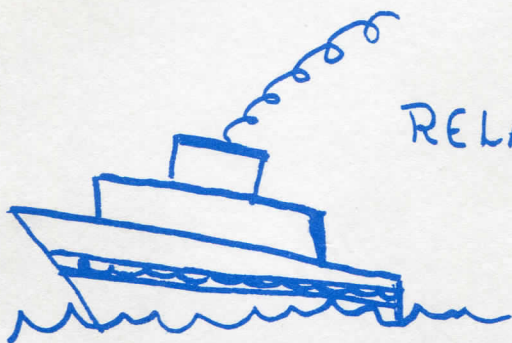


PROJETO CINEMA na Escola



RELATO

DE UMA
EXPERIÊNCIA



- Ministério de Educação e Cultura
- Delegacia em MG
- Embracfilme
- Prefeitura municipal de Belo Horizonte

11/11/2023

6

2

-

11

RUBEM LUDWIG
Ministro da Educação e Cultura

SÉRGIO MÁRIO PASQUALI
Secretário Geral

JUAREZ MACHADO
Coordenador dos Órgãos Regionais

JOSÉ TAVARES DE BARROS
Delegado da DEMEC/MG

EMBRAFILME

ROBERTO DANIEL MARTINS PARREIRA

Diretor-Geral

CARLOS AUGUSTO MACHADO CALIL

Diretor - DONAC

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

JULIO ARNOLD LAENDER

Prefeito

NEWTON DE PAIVA FERREIRA FILHO

Secretário de Educação

PROJETO CINEMA NA ESCOLA

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Ministério da Educação e Cultura
Delegacia em Minas Gerais
EMBRAFILME

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Secretaria Municipal de Educação

Belo Horizonte, agosto de 1982.

D E M E C / M G

MARIA TEREZA DE CARVALHO MACHADO
Coordenadora de Programação e Apoio Técnico

GRUPO DE TRABALHO

FRANCISCA DOS SANTOS GONÇALVES
Coordenadora do Projeto

AÍDA LÚCIA FERRARI
MARCOS AZEVEDO SAMPAIO
Estagiários

BEATRIZ NARDELLI CAMBRAIA
8a. Série do 1º grau
autora da capa

1. APRESENTAÇÃO

Esta publicação do relato da experiência educacional que se convencionou chamar de CINEMA NA ESCOLA vem romper a incômoda tradição, bastante habitual em nosso Estado, de fazer as coisas e não registrá-las, nem mesmo em modestas e despreziosas edições. Daí ser necessário destacar, antes de mais nada, que o projeto que agora se divulga não foi o primeiro, no seu gênero, a realizar-se em Minas Gerais. A verdade é que poucas pessoas têm conhecimento de que, há quase uma década, grupos diferentes desenvolvem pesquisas e trabalhos em torno da problemática ligada a cinema e educação, área de inequívoca importância no âmbito mais geral da filmologia. É por tudo isso que entendo ser conveniente e justo apresentar o projeto CINEMA NA ESCOLA a partir da descrição, forçosamente sumária e incompleta, de um contexto amplo de vivências semelhantes, antes de mais nada para cobrir lacunas injustificadas.

Tratando-se de texto introdutório a projeto específico, fica desde já alijada qualquer pretensão de cobrir toda a história do tema. Pretendo abordar apenas aquelas experiências que pude acompanhar mais de perto, sem que a exclusão de outras eventuais realizações implique numa tomada de posição restritiva. Para início de conversa, entendo que a primeira e, provavelmente, a mais ponderável fonte de inspiração dos grupos que se engajaram nos programas de cinema e educação foi, sem dúvida alguma, o trabalho da equipe do movimento CINEDUC, do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Marialva Monteiro. Com efeito, um curso intensivo de trinta dias, ministrado em julho de 1976, proporcionou a um grupo de educadores do Brasil inteiro o conhecimento da sistemática e dos princípios adotados pelo CINEDUC, responsável pelo ensino informal de cinema num grande número de escolas públicas e particulares, no Rio. Peculiaridade do método é a complementação do estudo da linguagem cinematográfica com a prática da realização de filmes, na bitola Super-8.

O PROJETO METROPOLITANO DA UFMG

Adaptando programas e métodos à realidade mineira, a professora Heliana Maria Soares de Barros, do Côlegio Técnico da UFMG, iniciou no segundo semestre de 76 um trabalho de iniciação ao cinema com um grupo de crianças da cidade de Lagoa Santa, integrante do Projeto Metropolitano do Conselho de Extensão da UFMG. Com aulas semanais de três horas de duração, o primeiro curso recebeu cerca de trinta crianças da comunidade, na maioria carentes, desenvolvendo um programa que, nas suas linhas gerais, seria retomado nos semestres seguintes:

- iniciação ao conhecimento da linguagem cinematográfica, com informações essenciais sobre tomada, plano, enquadramento, montagem, roteirização, e assim por diante;
- exibição e discussão, com participação informal e ativa dos alunos, de filmes especialmente selecionados, com ênfase na produção brasileira;
- desenvolvimento de atividades na área de educação artística (desenho, pintura, modelagem, música, teatro) a partir de temas e de abordagens sugeridos pelos filmes exibidos; assim, por exemplo, o curta-metragem FÁBULA: UMA FESTA NO CÉU, de Noilton, gerou discussões sobre o tratamento dado pelo cinema à estória convencional, dando margem a uma dramatização do tema, cabendo às crianças a criação de um novo texto, do vestuário, dos cenários e do acompanhamento musical do espetáculo;
- experiências feitas pelos alunos com a câmera fotográfica, desde fotos isoladas à criação de sequências narrativas sobre temas do cotidiano;
- experiências com o gravador, da sonorização improvisada de filmes mudos à elaboração mais ou menos complexa de trilhas para audiovisuais;
- preparação de roteiros para audiovisuais e para filmes curtos, ficando a escolha dos temas e a estruturação narrativa a cargo das próprias crianças;
- realização de pequenos filmes na bitola Super-8, mudos e sonoros.

O programa contou inicialmente com o apoio da comunidade de Lagoa Santa, que forneceu as instalações físicas indispensáveis; houve, em todos os momentos, o incentivo e a compreensão das famílias das crianças envolvidas. As autoridades municipais, infelizmente, não reconheceram a importância da experiência para as crianças da região que, conforme numerosos depoimentos, encontravam na atividade ocasião para abertura de seus horizontes e, por outro lado, efetivo estímulo ao aperfeiçoamento de suas potencialidades, para além dos compromissos formais e acadêmicos. Sem condições mínimas de sobrevivência, o projeto transferiu-se para a cidade de Sabará, onde recebeu excelente acolhida por parte da Prefeitura Municipal e se mantém até os dias de hoje.

O CINEMA NO FESTIVAL DE INVERNO/FESTIVAL MIRIM/ DA UFMG

A experiência de Lagoa Santa serviu de base para a organização e execução de programas intensivos na área de cinema e educação que iriam constituir os fundamentos do "Festival Mirim", realizado no âmbito do Festival de Inverno da UFMG nos anos de 1978 e 1979 em Ouro Preto e, em 1981, em Diamantina. Também aqui o ponto de partida foi o cinema, entendido como elemento integrador das áreas de educação artística, especialmente o teatro, a música e as artes plásticas. A sistemática de ação consistia na exibição de filmes curtos, não apenas trabalhados em si mesmos, mas também usados como ponto de partida para quaisquer atividades criativas.

O curso de 1978

Professores e monitores das diversas áreas de educação artística reuniram-se em Ouro Preto, durante uma semana, para conhecerem e analisarem os filmes especialmente escolhidos para o curso. Os professores de música, por exemplo, deviam partir de uma trilha sonora considerada particularmente rica para iniciarem os alunos na pesquisa e criação de formas sonoras. Marca registrada do projeto era a liberdade proporcionada aos professores em tudo o que dissesse respeito à organização e aplicação dos

4.

programas didáticos, sem nenhum compromisso com resultados práticos nem com avaliações convencionais. Do conjunto de cerca de trezentos alunos, na faixa etária dos oito aos dezesseis anos, duas turmas de adolescentes trabalharam especificamente com criação cinematográfica, recebendo as informações que teriam habitualmente num curso de cinema completo, ainda que sumário. A tendência habitual era a de estabelecer uma ponte entre a teoria, a prática de leitura fílmica e a prática efetiva da realização, em estágios sucessivos que partiam da fotografia isolada, passavam pelo audiovisual e chegavam ao filme propriamente dito. Assim, na terceira semana de trabalho, os alunos haviam realizado e montado, com edição sonora, pelo menos três pequenos filmes que tratavam do lazer em Ouro Preto, das descobertas científicas em Tripuñe do comportamento dos turistas que visitavam a cidade durante o Festival. Fizeram também um filme de ficção, contando a estória de dois adolescentes numa tentativa, frustrada, de abandonar a cidade.

O curso de 1979

Partiu-se em 1979 para um esquema potencialmente mais rico. Foi oferecido um curso de duas semanas, com sessenta horas/aula, para cerca de quarenta professores de educação artística, selecionados mediante apresentação de currículos entre candidatos de todas as regiões do país. O curso articulou-se como reciclagem geral, mas também aqui as atividades convergiam para vivências na área do cinema, a partir de algumas unidades didáticas ministradas por professores do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG: conhecimento da linguagem fílmica, métodos de análise e leitura, noções de roteiro e de realização. O cinema aparecia sempre como elemento integrador das demais áreas, sendo colocado, ao mesmo tempo, como fator de estímulo para experiências diversificadas. Merece registro a resistência inicial da maioria dos professores, todos eles habituados a trabalhar em área exclusiva no âmbito da educação artística. Aos poucos, no entanto, quase todos aceitaram a

proposta, chegando a realizar dois filmes experimentais em Super-8, em torno do tema "a casa abandonada", típico do ambiente urbano dentro do qual o curso se realizava. Numa segunda etapa, também de duas semanas, os professores transformaram-se em monitores de diversas turmas de crianças e adolescentes, nos moldes do que havia sido feito em 1978. Apesar do pouco tempo disponível, a maioria dos alunos de cinema repetia o curso anterior e, por isso mesmo, chegaram a realizar significativos trabalhos em Super-8. Dentre o material produzido, destacava-se O ROUBO, filme de ficção que incluía a criação de vestuário de época e apresentava narrativa ágil e fluente.

O curso de 1981

A coordenadora do projeto retomou em Diamantina, em 1981, as linhas gerais do curso desenvolvido em 1979, em Ouro Preto. Ponto positivo foi o fato de terem sido recrutados muitos monitores que já haviam participado da experiência; conhecendo e aceitando o método, podiam enriquecê-lo com contribuições pessoais. Áreas novas foram introduzidas, como a de manipulação de bonecos. A orientação básica dos trabalhos, como aliás ocorria com toda a programação do 14º Festival de Inverno, foi a da integração com a comunidade diamantinense e com as tradições locais. No que diz respeito à elaboração de imagem e som, que interessa no presente contexto, alunos da faixa etária de 10 a 14 anos realizariam dois filmes em Super-8, sonorizados, particularmente significativos: A LENDA DO ACAIACA e O ESCRAVO ISIDORO.

O Festival Mirim de 1981 introduziu ainda um programa de cinema ao ar livre para as comunidades dos bairros da Palha, de Bom Jesus e Rio Grande, localizados na periferia de Diamantina.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS MINEIRAS DE CINEMA E EDUCAÇÃO

Trabalho inspirado em motivação semelhante e de reconhecida importância realiza-se no âmbito do Centro de Educação Permanente da Secretaria de Estado da E

ducação, sob a coordenação da professora Maria Stella Mendes Ribeiro. A atividade do ano de 1980 caracterizou-se pela exibição e pelo debate do filme curto brasileiro nas salas de aula da rede estadual, nos moldes do que vem descrito em seguida, a propósito do projeto CINEMA NA ESCOLA. Em 1981, a programação passou a dirigir-se a um público mais amplo, dando origem a um concorrido "ciclo do cinema brasileiro", que se prolongou por todo o segundo semestre.

Outra experiência que merece registro, especialmente por ter sido a única que se desenvolveu fora do espaço das instituições públicas, é a promovida pela equipe de comunicação social da empresa FLORESTAL ACESITA, sob a coordenação de Regina Motta. Caracteriza esse projeto o fato de levar o cinema brasileiro a regiões do interior do nosso Estado como, no caso, às comunidades particularmente carentes dos benefícios do progresso, localizadas no vale do Jequitinhonha.

Enfim, a apresentação do projeto CINEMA NA ESCOLA

Todas as experiências acima mencionadas mereciam uma descrição mais minuciosa e profunda, com ênfase nos seus méritos inegáveis e nos limites e obstáculos encontrados, como contribuição aos trabalhos que vierem a se desenvolver no futuro. Nossa sumária descrição serve em tretanto, no momento, para situar dentro desse quadro mais amplo, o da história da educação pelo cinema em nosso Estado, o projeto CINEMA NA ESCOLA, empreendido pela Delegacia do MEC, com a participação da EMBRAFILME e com o apoio da Secretaria Municipal da Educação, em Belo Horizonte. Somente a partir desse enfoque é que parece adquirir sentido a descrição minuciosa que se faz a seguir. Vista embora nas suas peculiaridades, é possível entender a contribuição do projeto como prolongamento de convicções, de vivências e de esforços da causa educacional

comum, aqui particularizada pelo reconhecimento e pela utilização do cinema como instrumento de riquíssimos conteúdos e de multiformes aplicações, habitualmente negligenciadas pela nossa sociedade de consumo.

Belo Horizonte, julho de 1982

José Tavares de Barros

2. INTRODUÇÃO

O projeto denominado CINEMA NA ESCOLA nasceu da constatação de uma carência: as pessoas, sobretudo as crianças e adolescentes em idade escolar, não conhecem o cinema que se faz no Brasil sobre a cultura, os hábitos e as vivências do povo brasileiro. Com base nesta constatação, a Delegacia do MEC em Minas Gerais firmou convênio com a EMBRAFILME, gerando a disponibilidade de cópias de filmes culturais de curta metragem para uma experiência junto a escolas de 1º Grau.

Característica básica do projeto CINEMA NA ESCOLA é a exibição do filme cultural em sala de aula, precedido de adequada preparação, inserindo-se, na medida do possível, em unidades didáticas trabalhadas em diversas áreas e, preferencialmente, seguido por um debate que possibilita a exploração do filme, gerando e estimulando idéias que dão origem a trabalhos criativos. A exibição de CARRO DE BOIS, de Humberto Mauro, por exemplo, sugeriu aos alunos de determinada escola a execução de maquetes e miniaturas, muitos deles ajudados pelos pais que tinham vindo da roça e aproveitavam a oportunidade para demonstrar que conheciam o assunto e que se sentiam felizes participando de atividades da escola.

Uma das preocupações do programa é a de orientar os professores para explorar o filme em todas as dimensões possíveis: o conteúdo, a linguagem, as cores, os sons, as expressões da realidade, tendo em vista ampliar a visão de mundo de cada aluno, exercitar sua capacidade de ver, pensar, discutir e encontrar soluções para os problemas. Nesse sentido, o cinema passa a se constituir em recurso importante para atualizar, dinamizar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, preparando melhor o aluno para a vida.

Em sua essência, portanto, o projeto CINEMA NA ESCOLA visa ampliar no aluno de primeiro grau o conhecimento da realidade brasileira, através da análise e discussão de questões importantes veiculadas pelos filmes, tendo como objetivos:

- fornecer aos alunos novos conhecimentos e estimular reações pessoais e criativas;
- desenvolver o espírito crítico;
- despertar o interesse pela arte e pela cultura nacio—nais.

O projeto está sendo desenvolvido em oito esco^las da rede municipal de Belo Horizonte, situadas na pe^riferia da cidade: CARLOS LACERDA (5a. a 8a. sê^ries), DOM ORIONE (1a. a 8a. sê^ries), ELEONORA PIERUCETTI (1a. a 8a. sê^ries), GERALDO TEIXEIRA DA COSTA (5a. a 8a. sê^ries), ISAURA SANTOS (5a. a 8a. sê^ries), LUIZ GATTI (5a. a 8a. sê^ries), MARIA DAS NEVES (1a. a 4a. sê^ries) e PEDRO GUERRA (4a. a 8a. sê^ries). Por estar localizada no mesmo espaço da DEMEC/MG, no chamado "campus" do MEC na Gameleira, in^gressou também no projeto a Escola Estadual LEON RENAULT (1a. a 8a. sê^ries), que participou da experiência somente até o mês de outubro de 1981.

A Secretaria Municipal de Educação forneceu os projetores em 16 milímetros e parte dos equipamentos in^dispensáveis ao condicionamento das salas de aula às exi^gências de uma regular projeção de filmes. Os professores entraram com seu entusiasmo e com sua dedicação à causa educacional, conscientes, desde o primeiro momento, da im^portância e da dimensão dessa experiência para o aprovei^tamento de seus alunos.

Marcadas por duas etapas distintas, as ativida^des do projeto em 1981 merecem ser descritas e analisa^das com minúcia porque, além de constituírem a base para a sua continuidade e expansão, têm o valor de subsí^dio para pessoas e instituições que se preocupam com a temá^tica de cinema e educação.

3. A PRIMEIRA ETAPA DE 1981

Esta etapa desenvolveu-se em três momentos:

- o curso de preparação para os professores envolvidos;
- as reuniões quinzenais com os professores representantes das escolas:
- o encontro de avaliação com a participação dos professores, de representantes da EMBRAFILME, da SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO e da DELEGACIA DO MEC.

O curso para professores

O curso de preparação para professores, coordenado pela DEMEC, contou com cerca de 50 participantes. A primeira parte teve o apoio do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, que ofereceu os fundamentos da História do Cinema, abordando também as noções básicas da linguagem cinematográfica e os rudimentos da leitura fílmica. Na segunda parte, desenvolvida pela EMBRAFILME, expuseram-se teorias e experiências de utilização do filme como recurso complementar na sala de aula. O curso provocou nos professores um grande interesse pelo projeto CINEMA NA ESCOLA, fato que gerou um primeiro problema a ser enfrentado: o de selecionar as escolas que participariam do programa, diante do limitado número de projetores e de filmes disponíveis.

As reuniões quinzenais

Sua função, plenamente atingida, foi a de mostrar os filmes aos professores, possibilitando sua discussão e, em consequência, uma distribuição mais consciente entre as escolas envolvidas. Era também o momento para a devolução dos filmes, junto com a avaliação do trabalho desenvolvido no período anterior. Apesar das precárias condições do local disponível, as reuniões quinzenais foram particularmente significativas porque permitiram o entrosamento mais íntimo do grupo, a troca de informações e de idéias e o trabalho conjunto para a solução dos problemas.

Um exemplo concreto foi o curso de treinamento para a operação de projetores de 16 milímetros, com a participação de dez pessoas entre professores e funcionários

das Escolas. O próprio projeto ia assim sendo reformulado em função das sugestões que surgiam.

O primeiro encontro de avaliação

Realizou-se no fim do primeiro semestre, contando com a presença de professores responsáveis pelo projeto, representantes da Secretaria Municipal de Educação, da EMBRAFILME e da Delegacia do Ministério da Educação e Cultura. Caracterizou o encontro o depoimento dos professores sobre o andamento do projeto colhendo-se preciosas informações sobre o tipo de filme mais aceito pelos alunos e sobre as principais dificuldades encontradas. A proposição de estratégias para a continuidade do trabalho e outras idéias mais sugestivas encontram-se documentadas no relatório elaborado naquela ocasião, a seguir transcrito na íntegra.

Relatório da PRIMEIRA REUNIÃO DE AVALIAÇÃO do Projeto CINEMA NA ESCOLA - 15 a 16/06/81.

Após as atividades do projeto CINEMA NA ESCOLA, nesse 1º semestre, realizou-se nos dias 15 e 16 de junho, no auditório da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais, a 1ª. reunião geral, com os seguintes objetivos:

- a) dar continuidade ao processo de preparação de professores para utilização do cinema na escola;
- b) avaliar a primeira etapa do trabalho realizado;
- c) discutir problemas e alternativas;
- d) programar a 2ª. etapa do projeto.

Participaram da reunião representantes da DEMEC/MG, da EMBRAFILME, da Prefeitura Municipal e das escolas.

O primeiro momento constou de um relato de experiências, evidenciando vários aspectos de grande importância para a reflexão, a reformulação e o aprimoramento da dinâmica do trabalho.

A. Foram levantados o seguintes pontos:

a) quanto à projeção:

- quase todas as escolas tiveram problemas. O curso de treinamento para projeção não foi suficiente e, em alguns casos, o funcionário que fez o curso não é a pessoa indicada, por falta de aptidão e interesse por esse tipo de tarefa;

- cinco escolas não têm cortinas, tendo realizado o trabalho com grande esforço, escurecendo a sala com cobertores emprestados, jornais etc. (Escolas: Dom Orione, Luiz Gatti, Isaura Santos, Pedro Guerra, acrescentando-se a Escola Carlos Lacerda, embora ela não tenha participado do encontro);

- alguns filmes têm problema de som, o que dificulta a apreensão da mensagem, diminuindo o interesse dos alunos;

- muitas escolas funcionam em três turnos e todos os alunos estão motivados para ver os filmes, gerando um problema face à exigência de não se projetar o filme mais de cinco vezes.

b) quanto aos objetivos propostos pelo projeto:

- grande parte das escolas está realizando um trabalho integrado envolvendo bibliotecárias e professores de diversas disciplinas, com a participação de orientadores, supervisores, e da diretoria;

- algumas escolas têm projetado o filme para os professores, possibilitando a discussão e exploração de sua mensagem, motivando também o trabalho com os alunos;

- os alunos têm demonstrado grande interesse pelos filmes e pela análise, discussão, interpretação e realização de trabalhos sobre os mesmos. Exemplos concretos de atividades diversificadas comprovam que a percepção e a criatividade dos alunos ultrapassam a nossa expectativa.

Entre essas atividades se destacam:

- os "carros de bois" feitos com: madeira, isopor, palitos, cortiça, caixa de ovos, paus de sorvetes, (filme Carro de Bois);
- desenhos de aspectos que mais impressionaram: (filme Guaruba e os Tetos);
- poemas inspirados no filmes: Cerâmica do Vale do Jequitinhonha;
- carrancas feitas de madeira, álbum com recortes e pesquisas culminando com uma aula de geografia dada pelo alunos motivados pelo filme Carrancas do São Francisco;
- discussão, com Helvécio Ratton, diretor do filme Criação e realização de trabalhos integrados na área de comunicação e expressão.

Durante a reunião ficou evidenciado o envolvimento e o comprometimento do pessoal da escola com o trabalho.

B. Dentre as idéias debatidas destacam-se as seguintes considerações:

a) - é preciso evitar preconceitos e idéias pré-determinadas no momento de explorar certos filmes, pois a experiência comprovou que trabalhos excelentes foram feitos pelos alunos partindo de filmes que, de início, foram rejeitados pelos professores;

b) - é fundamental desenvolver o espírito crítico do aluno. Portanto, filmes que trazem mensagens falsas, negativas ou massificantes também devem ser explorados em sua essência. Assim, a escola está preparando o aluno para a vida, levando-o a questionar, a identificar os pontos falhos, a separar o falso do verdadeiro, a opinar, a conviver e se posicionar diante da realidade.

c) - é melhor o filme que abre perspectivas para o raciocínio, o questionamento, a imaginação, a criação, a construção, a realização;

d) - é necessária a união de esforços para o melhor aproveitamento de cada filme em todas as suas dimensões.

C. As proposições do encontro foram as seguintes:

a) - que dentro de cada escola se reproduza, para o pessoal interessado, o curso realizado no início do ano. Para esses encontros a escola poderá solicitar a colaboração do grupo de coordenação do projeto (DEMEC/MG e Secretaria Municipal de Educação);

b) - que cada escola faça um plano de trabalho, envolvendo maior número de professores e que no verso da ficha de avaliação do trabalho com cada filme seja colocada a síntese do plano e observações quanto à sua operacionalização. Essas fichas poderão ser enviadas às outras escolas como sugestão e subsídio para o enriquecimento do trabalho;

c) - que se tente uma experiência de monitoria, buscando reunir um grupo de alunos interessados em participar diretamente do planejamento, projeção e trabalho junto às diversas disciplinas, para maior exploração dos filmes em todas as dimensões. Esses alunos poderão participar da reunião para a avaliação do projeto no fim do ano, bem como do planejamento para a sua continuidade em 1982. (Se houver interesse por parte dos alunos, poderá ser pensado um encontro com os monitores e professores, para a troca de experiências, a orientação e assistência ao grupo);

d) - que se utilize o filme para trazer a comunidade à escola;

e) - que seja realizado um segundo curso de treinamento de pessoal para a projeção dos filmes. Esse curso deverá ser estruturado visando formar funcionários capazes de operar o projetor com segurança. Por isso, deverá ter um cunho de seriedade, começando por cadastrar o funcionário, sensibilizá-lo, prepará-lo para o trabalho, submetê-lo a um teste que comprove sua competência e fornecer um comprovante de habilitação para o trabalho, de forma a garantir uma equipe motivada e comprometida com o projeto;

f) - que fique claro para a Secretaria Municipal de Educação a doação das cortinas como condição

básica para a continuidade do projeto.

D. O Encontro teve três decisões finais:

a) - foi elaborado, com a participação dos professores, um cronograma com a previsão dos filmes que cada escola receberá no período de 15 de agosto a 30 de outubro;

b) - será enviado à diretoria de cada escola um questionário de sondagem, com o objetivo de possibilitar a opção por continuar a realizar esse trabalho. Caso positivo, cada escola deverá definir a equipe responsável pelo projeto e o seu coordenador.

c) - deverá ser realizada, em fins de outubro, uma reunião de avaliação e programação dos filmes para novembro. Espera-se que, nessa reunião, as escolas tenham conseguido resolver os problemas levantados neste Encontro e que estejam levando à prática as propostas e sugestões aqui documentadas.

Belo Horizonte, 16 de junho de 1981

4. A SEGUNDA ETAPA DE 1981

Conquista inicial do Projeto nesta sua segunda etapa foi a de um planejamento mais racional e consciente. Foi elaborado e aplicado com rigor o seguinte quadro de circulação de filmes:

CRONOGRAMA DE FILMES PARA O 2º SEMESTRE DE 1982

ESCOLAS	PERÍODO/FILMES				
	AGOSTO	SETEMBRO		OUTUBRO	
	15 a 30	1º a 15	16 a 30	1º a 15	16 a 30
1. Maria das Neves	1	2	3	4	5
2. D. Orione	6	7	8	9	1
3. Luiz Gatti	3	10	11	12	8
4. C. Lacerda	13	14	15	2	16
5. G. Costa	17	18	6	19	15
6. P. Guerra	12	20	17	18	13
7. E. Pierucetti	5	4	1	21	3
8. L. Renault	9	22	5	10	17
9. I. Santos	15	19	13	20	6

FILMES PROJETADOS

- 1 - COMO NOS DEFENDEREMOS DAS DOENÇAS, 1973, Zakia Elias/Noilton, 10'
- 2 - A MENINA E A CASA DA MENINA, 1979, Maria Helena Saldanha, 8'
- 3 - CIRCOS E SONHOS, 1978, Marisa Leão, 10'
- 4 - ALIMENTAÇÃO, 1973, Adhemar Gonzaga, 15'
- 5 - H₂O, 1962, Guy Lebrun, 5'
- 6 - LIZETTA, 1974, Luiz Paulino dos Santos, 14'
- 7 - HINÁRIO BRASILEIRO, 1974, Olívio Tavares de Araujo, 10'

- 8 - JORNADA KAMAYUARÁ, 1966, Heins Forthmann, 11'
- 9 - A FESTA DO SERRO, 1975, Pe. Massote, 12'
- 10 - BRASIL DE PEDRO A PEDRO, 1973, Fernando Coni Campos, 8'
- 11 - SEGUNDA FEIRA, 1976, Geraldo Sarno, 12'
- 12 - CONGADOS, 1976, Pe. Massote, 16'
- 13 - AUGUSTO RUSCHI, 1979, Orlando Bonfim Netto, 11'
- 14 - SOM, 1970, George Jonas, 10'
- 15 - ANOS FELIZES, 1975, Arne Sucksdorff, 30'
- 16 - A VELHA A FIAR, 1960, Humberto Mauro, 6'
- 17 - SISTEMA SOLAR, 1968, George Jonas, 10'
- 18 - CERÂMICA DO VALE DO JEQUITINHONHA, 1975, José Tavares de Barros, 12'
- 19 - CARRANCAS DO SÃO FRANCISCO, 1974, Júlio Heilbron, 10'
- 20 - RENDEIRAS DO NORDESTE, 1974, Ipojuca Pontes, 16'
- 21 - CARRO DE BOIS, 1974, Humberto Mauro, 10'
- 22 - A FESTA DE SÃO BENEDITO, 1975, José Almeida Neves e Paulo Jorge de Souza, 11'

Cabe observar, de passagem, que esta relação de filmes curtos é, intencionalmente, bastante heterogênea, na medida em que procura abranger gêneros e conteúdos o mais possível condizentes com a diversidade das matérias contidas num currículo de 1º grau. Poderíamos classificá-los da seguinte forma:

- filmes educativos: 1, 4, 5, 7, 14, 17,
- documentos sobre a realidade histórica e social brasileira: 2, 8, 10, 13
- filmes sobre folclore e cultura popular: 9, 11, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 22,
- filmes de ficção: 3, 6,
- filme ecológico: 16.

Outra conquista de grande relevância foi a participação dos professores no planejamento, dando origem ao quadro seguinte:

CINEMA NA ESCOLA - agosto a novembro 1981

CRONOGRAMA PARA A SEGUNDA ETAPA DO PROJETO

ATIVIDADES	PERÍODO			
	AGO.	SET.	OUT.	NOV.
1. Contatos DEMEC/MG,SME, EMBRAFILME	x	x	x	x
2. Treinamento p/projeção de filmes	x			
3. Prosseguimento do trabalho nas Escolas	x	x	x	x
4. Visitas de orientação e assistência	x	x	x	x
5. Avaliação e programação do segundo lote de filmes da 2a. etapa			x	
6. Segundo Encontro de professores, com a participação dos alunos/monitores			x	
7. Avaliação final do Projeto e exposição dos trabalhos dos alunos				x

O cronograma da segunda etapa foi cumprido nos seus cinco primeiros itens. O curso de treinamento, denominado "técnica para projeção de filmes", verificou-se mais uma vez de estratégica importância, pois as Escolas não dispõem de funcionários habilitados para a operação correta dos projetores. O sucesso ficou aquém da expectativa, pois foi difícil encontrar horários que coincidissem com a disponibilidade dos funcionários; estes, de modo geral, desempenham atividades diversificadas nas escolas e não foram liberados para os cursos. A alternativa encontrada consistiu no treinamento feito em cada local de exibição através de um estagiário contratado pela DEMEC.

A proposta de monitoria

Outra proposta, de grande relevância pedagógica, consistiu numa experiência de monitoria, buscando—se reunir um grupo de alunos interessados em participar diretamente do projeto. A mobilização partiu do texto seguinte, enviado às nove escolas envolvidas:

Carta aos alunos

Caro aluno,

Você deve estar na escola, participando das aulas, estudando, pesquisando, buscando descobrir e aprender, porque isso é condição básica para o seu sucesso na vida.

Mas muitas vezes você perde tempo, cumprindo as tarefas de cada disciplina, deixando de perceber aspectos de grande importância para a compreensão e a fixação das idéias. Se você aprende o que cada professor ensina, mas não consegue ver o que é essencial e fazer ligações entre essas idéias, a sua aprendizagem é superficial. Se a sua aprendizagem não é bem fundamentada, resultará no esquecimento. Veja: uma corrente é forte, quando os seus elos são resistentes e estão solidamente entrelaçados.

Esse é um simples exemplo. Pense... talvez você precise rever o seu método de estudo, buscando estabelecer as ligações básicas para o conhecimento, o aperfeiçoamento e a fixação de sua aprendizagem, de forma a garantir a articulação de idéias como uma corrente. Para isso você poderá explorar recursos que facilitem seu estudo e tornem as idéias mais claras.

É nesse sentido que o projeto CINEMA NA ESCOLA poderá ajudá-lo, dependendo de seu interesse e de sua participação nos trabalhos realizados a partir dos filmes.

PENSE, PARTICIPE, COLABORE!
ASSIM VOCE ESTÁ CRESCENDO E
CONTRIBUINDO PARA QUE OS OUTROS
CRESCAM.

O que é o Projeto Cinema na Escola

Resultado de um convênio entre a DEMEC/MG, EMBRAFILME e SME, o projeto CINEMA NA ESCOLA está sendo levado em nove escolas de 1ª Grau. O seu principal objetivo é utilizar o cinema para desenvolver a capacidade de: preparação, análise, crítica, interpretação e discussão de questões e aspectos importantes.

O cinema é um veículo de comunicação básico para se atualizar o conhecimento, ampliar a criatividade, despertar o interesse pela arte e pela cultura nacional.

Como você pode colaborar

Para se alcançar os objetivos acima propostos, é fundamental a participação e a colaboração de todos os alunos. Cada um tem a sua parcela de contribuição no momento de trabalhar com cada filme. Além disso é muito importante que o projeto tenha um grupo de monitores. "O monitor" colabora com os professores, participando do planejamento, projeção, trabalho junto às diversas disciplinas e avaliação desse trabalho. Dessa forma é possível maior exploração do filme em todas as suas dimensões.

O ideal é que cada turma eleja os seu(s) monitor(es) (um a três) que deve ter as seguintes características:

- ser criativo, capaz de captar o pensamento e sugestões de sua classe;
- ter habilidade e persistência para levar as idéias à prática;
- estar interessado pelo projeto e pela melhoria das condições de aprendizagem de sua turma.

Tendo um grupo de monitores com essas características, o projeto poderá ir além dos objetivos propostos e constituir-se em uma grande experiência educacional.

As primeiras idéias estão lançadas. Cabe a cada um refletir sobre a sua validade e pensar os meios para levá-las à prática. Lembre-se de que as grandes realizações se iniciam com idéias simples.

DISCUTA COM SEUS COLEGAS E RESPONDA

- 1º) - os filmes têm colocado situações para você pensar, analisar, interpretar, discutir, criticar, conhecer?
- 2º) - a sua turma tem conseguido explorar o mesmo filme com vários professores, em disciplinas diferentes?
- 3º) - quais as atividades realizadas a partir dos filmes?
- 4º) - o que pode ser feito para enriquecer o trabalho envolvendo as várias disciplinas?
- 5º) - quais são os alunos que têm as características básicas para serem monitores? (Como fazer a eleição)
- 6º) - que sugestões você dá para ampliar a atuação do projeto em sua escola?

Belo Horizonte, agosto de 1981

O estagiário da DEMEC foi enviado a cada uma das escolas com o objetivo de estimular a criação da monitoria. Sua incumbência prática era a de levantar o quadro de alunos/monitores, com indicação de alunos, série, turno, professor responsável e sugestões para a programação do encontro previsto no cronograma de atividades. (item 6).

Verificou-se, na visita, que ocorrera em todas as escolas o mesmo problema. Apesar do que fora acertado no encontro de professores, nenhuma delas havia estimulado a divulgação e o cumprimento da proposta contida na circular acima transcrita, dirigida aos alunos. Entende-se, assim, que não foram utilizados os meios adequados para que a proposta do monitor/aluno, de tanta riqueza potencial, fosse transportada para a prática.

Reflexão sobre uma proposta frustrada

O fracasso da proposta do monitor/aluno sugere algumas reflexões. Muitas idéias como esta se sobrepõem e morrem antes que sejam levadas à prática. Teme-se, a partir desses fatos, que o próprio projeto CINEMA NA ESCOLA esteja acima das condições reais oferecidas por al-

gumas dentre as escolas envolvidas, baseando-se apenas na dedicação de professores idealistas que se sacrificam para levar adiante a proposta. Ora, uma experiência como esta tem de pressupor, necessariamente, a integração entre a instituição e a comunidade viva que a constitui. Não basta que apenas um professor introduza a "novidade"; é indispensável que muitos professores e, aos poucos, muitos alunos passem a se envolver e a dar um pouco de si ao projeto que, pela própria essência do fenômeno cinematográfico, diz respeito a "muitos", a toda uma comunidade. Assim, a criação de um cine-clube, como ocorreu em duas escolas, sem que antes se tenha garantido maior envolvimento e participação ativa dos alunos, pode queimar etapas, resultando na sobrecarga de tarefas e responsabilidades que sacrificam e desgastam o professor.

Também não se deve esquecer, consoante o adágio "cinema só existe quando o filme está sendo projetado", que é indispensável um mínimo de condições técnicas para que a proposta produza bons frutos. Deixa de ter credibilidade o filme que se apresenta desfocado, sem nitidez, projetado em sala quente, pouco escurecida, com uma trilha sonora mal reproduzida. Em síntese, pode-se dizer que o êxito do projeto CINEMA NA ESCOLA depende do equilíbrio entre os elementos integrantes do binômio instituição/comunidade.

O processo da avaliação do Projeto

Nesta segunda etapa, as reuniões quinzenais, que possibilitavam a discussão e a avaliação dos filmes, tornaram-se desnecessárias diante do esquema de circulação de filmes previamente elaborado. Assim, em lugar de discutirem entre si, os professores envolvidos no projeto passaram a trocar idéias com os colegas da própria Escola, levando os representantes das diversas áreas de estudo a pensar em conjunto o que poderia ser feito com cada filme, como realizar e avaliar o trabalho. É importante mencionar o acompanhamento rigoroso e constante a propósito de cada filme, baseando-se na ficha de avaliação elaborada pela equipe da DEMEC, que busca captar as seguintes informações:

Ficha de avaliação:

PROJETO "CINEMA NA ESCOLA"

CONVENIO DEMEC/MG-EMBRAFILME-SECRETARIA
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Título do filme:

Direção:

1. Número de espectadores: 1a. a 4a. série
5a. a 8a. série
2. Número de turmas que assistiram o filme:
3. Número de projeções:
4. O filme foi trabalhado ao mesmo tempo por professores de diversas disciplinas? Quais?
5. Foi elaborado um plano de trabalho para o filme?
 - Nesse plano houve participação de professores de outras áreas?
 - Os objetivos propostos foram alcançados? Por que?
6. Em que série o trabalho com o filme surtiu melhores resultados? Por que?
7. Quais aspectos do filme foram mais explorados?
8. Como você avalia o seu trabalho com o filme esta semana?
9. Observações críticas e sugestões quanto ao filme, programação, cópias, serviços, etc.
10. Comentários dos professores, monitores, alunos, outros.

Escola

Local:

Data:

Professor responsável:

DELEGACIA DO MEC EM MINAS GERAIS
Coordenadoria - Assessoria Cultural

As fichas de avaliação foram elaboradas não só para avaliar as atividades desenvolvidas, como também para incentivar o envolvimento e a participação dos outros professores no planejamento e na realização do trabalho, buscando-se um posicionamento do grupo, tendo em vista garantir maior atuação de todos e a ampliação do projeto dentro de cada escola. Para consolidar as avaliações, foram elaborados dois quadros com a função de facilitar o acompanhamento das atividades realizadas.

O "Quadro A" reúne os dados básicos sobre o trabalho com cada filme, contendo as seguintes colunas: Escolas, Filmes, Número de Expectadores, Plano de Trabalho (sim/não), Disciplinas envolvidas, Observações.

O "Quadro B" reúne os dados básicos sobre os filmes, contendo as seguintes colunas: Filmes, Número de Exibições, Condições do filme (perfeito, com defeito), Avaliação do filme (bom, regular, ruim), Observações.

Através desses quadros tornou-se mais fácil sistematizar as informações enviadas pelas escolas, possibilitando uma visão global do andamento do projeto. Esses dados são de fundamental importância para o acompanhamento do trabalho, funcionando como indicadores do tipo de assistência, de orientação e de reforço que devem ser levados a cada escola.

Na medida em que se busca captar e organizar essas informações, torna-se possível utilizá-las para a revisão do trabalho e o aperfeiçoamento do processo, evitando-se o problema das avaliações finais, que constata as falhas quando já não é possível corrigi-las.

Outro aspecto de grande importância para a avaliação do projeto foi o depoimento de alunos e professores que participaram das atividades. Seguem alguns exemplos:

"Eu me senti feliz feliz por assistir aquele filme (O Jangadeiro) e senti também muito entusiasmo.

Quando eu estava fazendo a jangada eu me sentia o próprio jangadeiro pescando no mar.

Para eu fazer a jangada usei: bambu, barbanete, cola e pano".

JOSE ROGÉRIO MAGALHÃES PINTO

2a. série

"Achei que o projeto CINEMA NA ESCOLA foi muito importante. Gostei mais da Rosana, porque deu idéia de fazer uma favela que saiu até bonitinha.

Gostei do Carro de Boi que também deu várias idéias. O Jangadeiro nos deu oportunidade de conhecer a vida dos pescadores. Achei muito importante este projeto e espero que continue".

STAEI MARIA NUNES DE MORAES

4a. série

"Eu achei o projeto de filmes aqui na escola uma coisa muito interessante, pois pode ajudar as crianças a se interessarem, não são no estudo, também na criação de trabalhos magníficos.

Eu acho também muito interessante pois nos fazem imaginar as coisas que os pescadores fazem, os jangadeiros, e as pessoas pobres que têm a força de vontade de trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Eu acho que a EMBRAFILME tem que continuar a mandar filmes e mais filmes".

CARLA ANDRÉA DE CARVALHO

4a. série

"Foi através do documentário sobre o FOLCLORE, que eu e minha classe desenvolvemos um trabalho que resultou nestas fotos.

Depois de assistirmos o filme, levei as crianças a um comentário sobre tudo que sentiram, gostaram. Ficaram empolgadas com o colorido dos trajes, as danças e tudo mais.

Partimos daí para montar algumas peças que lembravam o filme e outras surgiram à medida que fomos criando as personagens.

Aproveitamos tudo que podíamos, as crianças trouxeram caixas de ovos, rolo de papel higiênico, papelão e a tinta havia na escola. Começamos a trabalhar e a criar todo aquele mundo que elas sentiam dentro de si.

Durante o trabalho ficaram muito empolgadas, ca da qual querendo ajudar e participar mais.

Foi muito agradável e gratificante trabalhar com estas crianças".

Prof. VANDA DE SOUZA CAMPOS VILLAR

Ia. série - Imatura

Uma das características do projeto em 1981, como vimos, foi a realização de reuniões de professores para a discussão, troca de experiências e tomada de decisões em conjunto. Entre essas reuniões destacam-se as de avaliação que, de certa forma, traçaram novas diretrizes para o projeto. A primeira deu origem ao relatório já transcrito a pgs 11 a 15 e diz respeito à primeira etapa do projeto. Na segunda, ficou evidente que muitos problemas não haviam sido solucionados, fato que conduzia à adoção de medidas urgentes, como documenta o relatório seguinte.

RELATÓRIO DA 2a. REUNIÃO DE AVALIAÇÃO

Realizada no dia 26 de outubro de 1981, a segunda reunião de avaliação do projeto CINEMA NA ESCOLA, foi bastante objetiva na discussão dos problemas de cada escola, levantando sugestões e solicitações básicas para o reinício dos trabalhos em 1982:

a - do ponto de vista técnico:

- 1º - a visita do técnico da SME à escola quando o projetor apresentar defeitos, a fim de efetuar reparos e dar orientação sobre sua correta utilização, procurando-se evitar problemas que prejudicam o andamento do projeto (transporte, atraso nos reparos, etc...);
- 2º - a aquisição de lâmpadas e correias sobressalentes;
- 3º - a compra de telas e de cortinas, antes da retomada do projeto em 1982;

b - do ponto de vista pedagógico:

- 1º - a realização de um novo curso de cinema para os professores interessados;
- 2º - a concessão de seis horas semanais aos coordenadores do projeto em cada escola, a fim de:
 - reunirem-se com os demais professores, com o objetivo de elaborarem um plano de trabalho para cada filme;

- darem assistência e colaboraram para a realização do trabalho proposto;
- buscarem a ajuda de outros professores para a implementação da monitoria e a coordenação das atividades dos alunos;
- acompanharem e avaliarem o projeto em todos os seus momentos.

Houve consenso no sentido de que a proposta de monitoria deverá ser retomada, no primeiro semestre de 1982, buscando-se sanar os problemas que impediram sua realização em 1981. O grupo sugeriu que o assunto fosse colocado e debatido nas reuniões de planejamento que, geralmente, realizam-se nas escolas, por ocasião da volta às aulas. Em consequência, uma das primeiras atividades do semestre seria a mobilização dos monitores, que se reuniriam com professores e coordenadores do projeto para a preparação de nova estratégia de trabalho. Sugeriu-se também, para a mesma ocasião, uma reunião de professores com a participação da EMBRAFILME para discussão da continuidade do projeto, enfatizando-se a elaboração de novo cronograma de circulação de filmes.

c - do ponto de vista da utilização dos filmes:

- 1º - revisão mais rigorosa dos filmes, pois muitas escolas alegam que as cópias já chegam defeituosas às salas de projeção;
- 2º - programação de dois ou mais filmes para cada quinzena, fato que possibilitará à escola:
 - trabalhar com maior número de alunos;
 - evitar interrupção da atividade caso surjam problemas com alguma cópia;
- 3º - remessa de sinopse de todos os filmes do acervo, para facilitar a elaboração do plano de trabalho.

BeLo Horizonte, 26 de outubro de 1982.

Observações sobre a segunda reunião de avaliação

O consenso geral foi de que, apesar de todos os impasses e das dificuldades não superadas, o projeto CINEMA NA ESCOLA despertou ponderável interesse em professores e alunos, motivados pela riqueza dos trabalhos produzidos e desejosos de sua repetição no semestre seguinte. Como já se observou, pesaram demais os aspectos técnicos do empreendimento. Fica praticamente impossível discernir, por exemplo, o limite entre a inabilidade dos operadores e o mau estado de conservação dos projetores, de um lado e, de outro, o problema das cópias disponíveis, muitas vezes com emendas e defeitos que nem mesmo a mais perfeita das revisões pode corrigir.

Decidiu-se também que as atividades do projeto, em 1981, estariam encerradas no final daquele mês de outubro, considerando-se que os professores ficam mais sobrecarregados de encargos no final de cada semestre letivo.

6. A CONTINUIDADE DO PROJETO EM 1982

Previa-se a retomada do projeto CINEMA NA ESCOLA a partir de fevereiro de 1982, ocasião em que se realizariam os cursos programados e as reuniões de planejamento. A indefinição quanto à liberação de recursos, considerando-se que havia terminado o acordo entre a DEMEC/MG e a EMBRAFILME, provocou a paralização de toda a programação. Em meados de abril, entretanto, motivada pelos resultados obtidos no ano anterior, a EMBRAFILME atendeu ao apelo da DEMEC, emprestando dois lotes de 16 filmes cada um, que circularam pelas escolas durante um período aproximado de trinta dias (meses de abril e maio). Como se tratava de solução de emergência e, portanto, precária, não houve o suporte necessário para mobilizar professores e alunos em conformidade com os planos levantados durante o ano de 1981. A coordenação do projeto simplesmente cedeu os filmes às escolas, sem maiores exigências.

Apenas duas escolas (MARIA DAS NEVES e GERALDO TEIXEIRA DA COSTA) solicitaram mais um lote de filmes, recebendo em meados de junho os seguintes títulos:

1. KUARUP, 1962, Heinz Forthamnn, 20'
2. BRINQUEDO POPULAR DO NORDESTE, 1978, Pedro Jorge de Castro, 20'
3. CARLOS CHAGAS, 1981, Paulo Vilara, 15'
4. JOÃO REDONDO, 1979, Emmanoel Cavalcanti, 19'
5. A GAIOLA DE AVATSIU, 1979, Oswaldo Caldeira, 10'
6. VOLTAR É CONQUISTAR DUAS VEZES, 1969, Aécio Andrade, 10'

O primeiro semestre de 1982 terminou com a notícia auspiciosa de que a Secretaria de Cultura do MEC havia liberado recursos da ordem de novecentos mil cruzeiros para a continuação do projeto CINEMA NA ESCOLA. A partir desse dado novo, foram tomadas as seguintes providências pela equipe coordenadora do projeto na DEMEC/MG:

- a) encaminhamento de ofício/circular aos diretores das oito escolas envolvidas, enfatizando a proposta de mo

nitoria dos alunos e a possibilidade de incorporá-la no planejamento do segundo semestre;

- b) encaminhamento de questionário para uma pesquisa entre os professores, buscando:
- captar o alcance real do projeto para cada escola;
 - mobilizar o maior número possível de professores para participação no projeto;
 - reunir o maior número possível de sugestões para o segundo semestre de 1982;
- c) previsão de encontro, aberto aos professores envolvidos e a todos os demais interessados, a realizar-se nos dias 5 e 6/08/82, com a participação de representantes da DEMEC/MG, EMBRAFILME e SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, visando repensar e redimensionar o projeto a partir da própria experiência vivida nas escolas e contida, em parte, no presente relatório.

7. CONCLUSÕES

A intenção básica do presente relatório foi a de comunicar, com clareza e objetividade, uma experiência que, por si mesma, é bastante complexa. Sua própria originalidade, em que pesem todos os esforços que se fazem no Brasil pela divulgação do cinema brasileiro, leva-a ao encontro de uma inércia natural e opaca, na medida em que ela se choca com a rotina de aulas e atividades que se desenvolvem numa escola de 1º grau. Reconhecendo embora, numa visão mais intuitiva e de superfície, os benefícios que o contato com o cinema pode trazer aos alunos, diretores e professores vêm-se esmagados pelos encargos habituais de cumprimento de programas e de preparação de festividades, que representam massa de trabalho mais do que suficiente para cobrir os espaços e tempos disponíveis. Quando entra o cinema, com suas exigências de planejamento e de condições técnicas, cria-se imediatamente o conflito entre a utilização suplementar e enriquecedora dessa forma poderosa de difusão de idéias, habitualmente malbaratada pela televisão, e as imposições do dia-a-dia, repleto de sacrifícios e de desafios, da vida escolar na periferia de uma grande metrópole. Por isso mesmo, a experiência do projeto CINEMA NA ESCOLA foi mostrada com a única preocupação de revelar-se da forma mais autêntica possível, com seus erros e com suas conquistas, a fim de aperfeiçoar-se no futuro e de subsidiar experiências semelhantes.

Mais à guisa de resumo do que propriamente de conclusões, cabem ser salientados os seguintes pontos:

- atuação dos professores: é essencial para a realização do projeto; a fim de se prepararem adequadamente para a utilização correta dos filmes é fundamental que os regentes das classes que utilizam os filmes tenham algumas horas semanais reservadas a essa atividade;

- participação dos alunos: a proposta da monitoria merece ser aplicada pois, inegavelmente, daria ao projeto a dimensão de participação e de integração das bases, que lhe é inerente; algumas medidas práticas precisam ser adotadas, como a de simplificar e de tornar mais convincente a "carta aos alunos" que foi divulgada nas escolas;
- aspectos técnicos: é indispensável que as escolas sejam equipadas com recursos que assegurem uma projeção adequada; que os projetores apresentem condições perfeitas de reprodução da imagem/som; que os operadores estejam devidamente habilitados, inclusive para enfrentarem pequenos imprevistos de manipulação das cópias usadas.

Para encerrar, o depoimento da professora Fátima Maria Torcha Rocha Carneiro, regente de biblioteca da Escola Municipal de 1º Grau MARIA DAS NEVES:

"Como responsável pelo projeto CINEMA NA ESCOLA tive oportunidade de sentir como ele é importante para nossas crianças. Não importa a série que estão cursando. Cada um descobre dentro da sua faixa de interesses coisas que nós adultos não conseguimos enxergar ao assistir um filme.

Além de trazer conteúdo, os filmes desenvolvem a linguagem oral, escrita e imaginação. Estamos precisando de coisas que enriqueçam os nossos alunos e o cinema é uma fonte inesgotável de experiências educativas.

Na nossa escola este projeto é ainda mais importante, pois nossas crianças são carentes e através dos filmes elas conhecem coisas que talvez não tenham condições de conhecer (de outro modo). Além de instrutivo, é uma fonte de lazer".

Belo Horizonte, julho de 1982

Projeto CINEMA NA ESCOLA
Delegacia do MEC em Minas Gerais



ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO
2. INTRODUÇÃO
3. A PRIMEIRA ETAPA DE 1981
 - o curso para professores
 - as reuniões quinzenais
 - o 1º encontro de avaliação
4. A SEGUNDA ETAPA DE 1981
 - quadro de circulação de filmes
 - cronograma de atividades
 - a proposta de monitoria
 - reflexão sobre uma proposta frustrada
5. O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO
6. A CONTINUIDADE DO PROJETO EM 1982
7. CONCLUSÕES

